

VISUALIZAR, LER E COMPREENDER O DICIONÁRIO PRIBERAM: DIVISÕES POLÍTICAS DA LÍNGUA NO LIMIAR DO LINGUÍSTICO E DO VISUAL

Guilherme Adorno*
UNIVÁS

***Resumo:** Esse estudo exploratório do Dicionário Priberam de Língua Portuguesa (DPLP), na sua formulação digital, parte da questão: como tal dicionário afeta a divisão política da língua a partir de sua digitalização e circulação na Internet? Trata-se de um material propício para mostrar a atualização do processo de gramatização do português no início do século XXI e para observar as singularidades do trabalho lexicográfico no espaço digital e a produção de saberes sobre a língua nesse momento histórico. O corpus é composto por recortes de formulações dos anos de 2012, 2013 e 2014, período de exploração do material de análise. Os procedimentos de descrição levaram ao trabalho intradiscursivo com os efeitos do visual, ou seja, a própria formulação visual como elemento importante para a compreensão do funcionamento da discursividade lexicográfica em Priberam.*

***Abstract:** This exploratory study of the Dicionário Priberam de Língua Portuguesa (DPLP), in its digital formulation, parts from the question: how does this dictionary affect the political division of the language considering its digitization and circulation on the Internet? It is an auspicious material to demonstrate the updating of the Portuguese grammatization process at the beginning of the 21st century and to observe the singularities of the lexicographic work over digital space and the production of knowledge about the language at this historical moment. The corpus consists of formulations cutouts from the years of 2012, 2013 and 2014, period over which the material of analysis was investigated. The description procedures led to the intradiscursive work with the effects of the visual, that is, the visual formulation itself as an important element for*

the understanding of the functioning of the lexicographic discursiveness in Priberam.

1. Introdução

Neste artigo faço um estudo exploratório do *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa* (DPLP), em sua formulação digital, e disponibilizado no *site* <www.priberam.pt>. Trata-se de um material propício para pensar o processo de gramatização do português no início do século XXI. Dois motivos principais me levaram a estudar o DPLP. O primeiro deles diz respeito ao modo como o dicionário foi apresentado na página inicial do endereço eletrônico, ainda em 2012¹, quando iniciei a pesquisa, onde a designação **português contemporâneo** está em uma relação de recobrimento com **português europeu e português do Brasil**.

O segundo motivo é a presença do que chamo **ferramentas lexicográficas digitais**, isto é, *mecanismos que não existiam nos dicionários impressos e só são possíveis a partir da circulação digital*. Trago uma sequência de 2012 de uma destas ferramentas: ao digitar a palavra “mundo” na caixa de busca, o *Priberam* me forneceu as acepções, mas sem exemplos (tal como encontraríamos na maior parte dos dicionários impressos), como segue nas figuras:

The image shows a screenshot of the Priberam dictionary website. The main heading is "Dicionário Priberam da Língua Portuguesa". Below the search bar, the word "mundo" is entered. The definition provided is: "mundo | s. m. | adj. 1. (em mundus, -i, conjunto dos corpos celestes, firmamento, universo) 2. m. 3. O espaço com todos os seus corpos e seres. 4. Universo. 5. Conjunto das astros a que o Sol serve de centro. 6. Globo terrestre. 7. Esfera armilar. 8. Astro planetário. 9. Cada um dos dois grandes continentes terrestres, particularmente a América, quando chamada Novo Mundo. 10. [em entônias] A gente, a humanidade. 11. A vida terrestre. 12. Classe, categoria social. 13. Sociedade. 14. Tudo o que é grande. 15. Prazeres materiais. 16. adj. 17. Mundificação, limpo; puro. 18. mundos e fundos: grandes riquezas; grandes promessas. 19. o outro mundo: a vida futura. 20. ver do mundo: nascer. 21. terceiro mundo: conjunto de países pobres ou subdesenvolvidos." The right side of the page features a "Palavra do dia" section with the word "estafino" and its definition: "1. Relativo à úvula. = UVULAR 2. m. [Entomologia] Inseto coleptero." There are also advertisements for Chrome and Brookfield Century Plaza.

Figura 1 – Verbetes “mundo”

Traduzir:   

mundo | *s. m.* | *adj.*

Sabia que? Pode consultar o significado de qualquer palavra abaixo com um duplo clique. Experimente!

mundo
(latim *mundus*, *-i*, conjunto dos corpos celestes, firmamento, universo)

s. m.

1. O espaço com todos os seus corpos e seres.
2. Universo.
3. Conjunto dos astros a que o Sol serve de centro.
4. Globo terrestre.
5. Esfera armilar.
6. Astro; planeta.
7. Cada um dos dois grandes continentes terrestres, particularmente a América, quando chamada Novo Mundo.
8. [Por extensão] A gente; a humanidade.
9. A vida terrestre.
10. Classe, categoria social.
11. Sociedade.
12. Tudo o que é grande.
13. Prazeres materiais.

adj.

14. Mundificação, limpo; puros.

mundos e fundos: grandes riquezas; grandes promessas.
o outro mundo: a vida futura.
vir ao mundo: nascer.
terceiro mundo: conjunto de países pobres ou subdesenvolvidos.

Figura 2 – Verbetes “mundo” ampliado

Um pouco abaixo das acepções, existe uma caixa com cinco abas: *Notícias*, *Blogues*, *Twitter*, *Relacionadas* e *Estatísticas*. Cliquei nas abas e compreendi que as três primeiras funcionam com amostras de enunciados encontrados na Internet com a palavra-entrada, ou seja, o *Priberam* utiliza um software para fazer uma busca em noticiários, *blogues* e no *Twitter* com a palavra digitada inicialmente pelo usuário. Em um primeiro momento, por analogia, é possível concluir que este sistema de busca das palavras no arquivo disponível na Internet substitui o domínio de contextualização dos dicionários impressos. Mais à frente, comentarei sobre as abas. Por enquanto, quero destacar a imagem da aba “*Twitter*” para a palavra “mundo”.

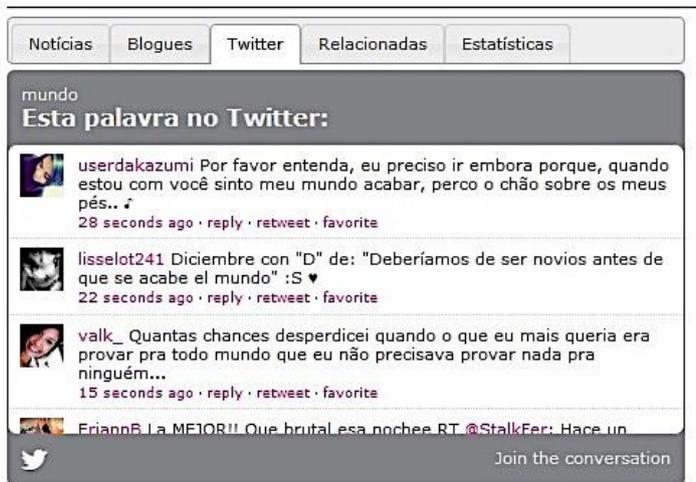


Figura 3 – Palavra “mundo” no Twitter



Figura 4 – Destaque para um dos exemplos de “mundo” no Twitter

A Figura 3 apresenta dois enunciados em português e um em espanhol. Na procura por outras palavras, encontrei situações semelhantes com enunciados em outros idiomas como o inglês. Esta característica marca uma diferença em relação à história de produção dos dicionários monolíngues. Se, como diz Auroux (1998), um conjunto de exemplos novos pode dizer de uma invenção teórica, de que invenção se trata quando exemplos em espanhol aparecem em um dicionário de língua portuguesa? Trata-se, para mim, de um ponto relevante para observar as singularidades do trabalho lexicográfico tanto no digital como o momento específico desta formação social no tocante à produção de saberes sobre a língua.

Assim, pergunto *como o dicionário Priberam afeta a divisão política da língua a partir de sua digitalização e circulação na Internet?*, mediante os dois recortes de análise: 1) a designação **português contemporâneo** e 2) as **ferramentas lexicográficas digitais**, em específico o funcionamento dos enunciados do Twitter. O *corpus* analítico é composto por recortes de 2012, 2013 e 2014,

período de exploração do material de análise. Faço este estudo dentro do campo da História das Ideias Linguísticas para situar o DPLP no processo de gramatização do português, com contribuições da Semântica do Acontecimento, principalmente a partir do conceito de *espaço de enunciação* de Guimarães (2005), e da Análise de Discurso materialista. Os procedimentos de descrição me levaram ao que nomeei como um *desvio pelo efeito* para que o dispositivo analítico pudesse trabalhar intradiscursivamente os efeitos do visual, ou seja, a própria formulação visual como elemento importante para a compreensão do funcionamento da discursividade lexicográfica em *Priberam*.

2. O dicionário no processo de gramatização do português no Brasil

Uma vez iniciado o processo de gramatização, as línguas instrumentalizadas estabelecem uma relação de poder com as que não são, levando, aos poucos, ao desaparecimento de algumas destas últimas. Um acontecimento importante em que esta relação de poder será ainda mais evidenciada é a formação dos Estados Nacionais. No entanto, Auroux (2009) chama atenção para não se cair em automatismos de causa e consequência, porque os motivos que provocam o desenvolvimento dos saberes linguísticos compõem uma rede complexa:

a administração dos grandes Estados, a literarização dos idiomas e sua relação com a identidade nacional, a expansão colonial, o proselitismo religioso, as viagens, o comércio, os contatos entre línguas, ou o desenvolvimento dos conhecimentos conexos como a medicina, a anatomia ou a psicologia (AUROUX, 2009, p.31).

Para Auroux (2009) não se pode falar de uma Nação sem ela estar colada a uma unidade linguística (seja na forma de uma ou mais línguas, mas ainda sim definidas e restritas). “As grandes transformações dos saberes linguísticos são, antes de tudo, fenômenos culturais que afetam o modo de existência de uma cultura do mesmo modo que dela procedem”, conforme Auroux (2009, p.31-32). O dicionário monolíngue tem um papel especial, pelo trabalho lexical de

normatização do idioma, em criar referências quanto à língua nacional.

É da produção desses objetos e da relação estabelecida pelos sujeitos com essa produção que resultam os sentidos atribuídos ao país assim como aqueles que dão sentidos a esses sujeitos enquanto eles se definem em relação ao seu país, nas formas que a política das relações sociais significar nessa sua história, seja como súditos, seja como escravos, seja como cidadãos (GUIMARÃES e ORLANDI, 1996, p.14).

Um marco importante no caso da Língua Portuguesa é a passagem do dicionário de Bluteau (1728) para o de Moraes (1789), porque já em sua materialidade linguística é possível observar a mudança entre duas conjunturas sociais distintas: o fim da Idade Média e a consolidação dos Estados Modernos. Em Bluteau (1728), a maior parte dos verbetes faz remissão ao latim, língua da Igreja, o que não se repete em Moraes (1789). A filiação das palavras também é distinta. O primeiro está marcado pelo léxico religioso e o segundo introduz o léxico jurídico, como analisado por Nunes (2006). Em termos de regularidade, uma diferença marcante é a expressão “ato de” constantemente retomada a partir de Moraes (1789), colocando em cena um sujeito responsável por suas ações e não mais um subordinado da Igreja.

Gadet e Pêcheux (2010) dão destaque para o modo como os sujeitos precisavam se liberar das particularidades, costumes, heranças e práticas histórico-culturais para serem reconhecidos como cidadãos da Nação: a língua materna (não a língua nacional) é um destes objetos simbólicos e, por conseguinte, um impedimento para a cidadania plena. Como a burguesia necessitava do apoio popular para fazer frente à monarquia, no mesmo momento em que proclamava o ideal de igualdade mediante uma unidade linguística, o todo social era estruturado por um acesso desigual às divisões do ensino (e da aprendizagem) da gramática. Explicam Gadet e Pêcheux:

A questão da língua é, portanto, uma questão de Estado, com uma política de invasão, de absorção e de anulação das

diferenças, que supõe antes de tudo que estas últimas sejam reconhecidas: a alteridade constitui na sociedade burguesa um estado de natureza quase biológica, a ser transformado politicamente (GADET e PÊCHEUX, 2010, p.37).

O grupo de pesquisas de Histórias das Ideias Linguísticas no Brasil avançou na reflexão sobre as particularidades do processo de gramatização do lado de cá do Atlântico e soube se apropriar das contribuições francesas sem repeti-las mnemonicamente. Eni Orlandi estudou o modo como a língua foi sendo significada ainda durante a “descoberta” dos portugueses. No livro *Terra à vista*, Orlandi (2008) mostrou como a catequização constituiu práticas que ressoariam na história da língua no País. Ainda que existisse, por um lado, os interesses sobrepostos da igreja e, por outro, uma política de extermínio pelos colonizadores, os jesuítas são responsáveis pela instauração dos primeiros escritos das línguas indígenas outrora inexistentes.

José Horta Nunes (2006), por sua vez, analisou, entre outros materiais, os relatos dos viajantes e observou como as listas de palavras não conhecidas entre os portugueses foram crescendo de acordo com a necessidade de explorar o País adentro. As listas criaram um arquivo de palavras, inaugurando uma memória da língua no Brasil, inclusive retomada posteriormente como regionalismos e outras denominações: ao mesmo tempo em que marcavam um distanciamento com o português de Portugal, assumiam como brasileiras as palavras que vinham de uma relação de contato com o indígena, ainda que este tenha sido silenciado da história brasileira ou mesmo, em alguns casos, exterminado: retorna pela janela o que saiu pela porta.

Guimarães (2004) compreende o processo de gramatização brasileira dividido em quatro fases: 1) a primeira fase, caracterizada por não ter estudos relevantes sobre a língua no Brasil, começa com a chegada dos Portugueses e se estende até o século XIX; 2) com início na segunda metade do século XIX até o final dos anos 1930, este momento tem a particularidade de debater as diferenças entre a língua de Portugal e do Brasil e ainda fundar a Academia Brasileira de Letras, historicizando de forma institucional a nossa relação com o português; 3) Da década de 1930 até 1960, muitos cursos de Letras

passam a ser ofertados nas Universidades brasileiras com a “Linguística” como disciplina obrigatória; 4) A partir da década de 60 do século XX até o momento atual, a Linguística ganha notoriedade nos cursos de Pós-Graduação, legitimando cada vez mais o saber brasileiro sobre a língua.

Não pretendo me deter especificamente sobre todas as fases, mas gostaria de comentar sobre uma fase especialmente significativa da gramatização brasileira para definir uma Língua Portuguesa não somente **no**, mas **do** Brasil, que é a construção das gramáticas a partir da segunda metade do século XIX. São os autores deste período que conseguirão marcar uma posição de diferença diante dos europeus, promulgando uma independência linguística.

O processo brasileiro de gramatização do português não responde unicamente à construção de um saber sobre a língua nacional, porque uma consequência é também a produção e identificação de uma posição de sujeito desta Nação. Afirma Orlandi:

a constituição de um sujeito nacional, um cidadão brasileiro com sua língua própria, visível na gramática. São processos de individualização que são desencadeados: individualiza-se o país, seu saber, seu sujeito político e social (ORLANDI, 2002, p.158-159).

Em outras palavras há a formação conjunta, porém não coincidente, da produção de uma identidade da língua, uma identidade da nação e uma identidade do cidadão brasileiro. Os gramáticos ocupam a posição intelectual e de autoridade que legitimam uma autoria em relação a Portugal. Deste modo, o século XIX é marcado com a produção de um saber sobre a língua realizada por brasileiros e para brasileiros: representação da *nossa* língua. “Temos então uma língua em sua realidade histórica, política, social. Praticada e refletida. Politicamente representada” (ORLANDI, 2009, p.172).

Pelo que descrevi baseado em Orlandi (2002; 2009) há, desde metade do século XIX, a possibilidade dos nascidos brasileiros se identificarem com a nacionalidade também pela língua. Não obstante, como disse anteriormente, Guimarães (2004) e outros autores citados compreendem a existência de um saber sobre a língua neste território anos antes. No Brasil, a proclamação da república só se concretiza em

1889, apesar dos indícios de uma nacionalidade brasileira já estarem marcados na língua, ou seja, pode-se falar em uma Nação antes de um Estado. Tal relação compõe a história do país de outros modos que não abordarei neste trabalho, mas chamo atenção para esta particularidade porque ela é significativa para compreender o *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa*, o material que passo a me restringir agora.

3. Um desvio pelo efeito

Antes de entrar propriamente na análise do dicionário online *Priberam*, realizo um desvio histórico-disciplinar quanto à análise discursiva de dicionários impressos que tem como expoentes na França os trabalhos de Francine Mazière e André Collinot. Entretanto, é no trabalho pioneiro no Brasil de José Horta Nunes (2006) que encontro ancoragem para analisar o que me parece ser um efeito de evidência para o próprio campo da Análise de Discurso: o funcionamento da estrutura (sempre falha) do intradiscurso a partir de sua materialidade linguística¹. Este desvio tem o objetivo de propor uma discussão de tal efeito de evidência na tentativa de ser consequente com o que é específico do dicionário digital.

Nunes (2006), ao descrever seu objeto de estudo, explicita o que ele chama de domínios discursivos do dicionário: prefácio, verbete, nomenclatura, definição, contextualização, etimologia, marcação, etc. Destaco o verbete e seus domínios (textualmente) internos para olhá-los em sua *composição* (LAGAZZI, 2009): definição, contextualização, etimologia, marcação e nomenclatura como elementos significantes que se relacionam pela abertura do simbólico e pela força do real, apesar do imaginário de *unidade e complementaridade*. A noção de *composição* é essencial aqui para compreender o modo de formulação do intradiscurso na relação entre elementos significantes de natureza distintas do que se chama materialidade linguística em Nunes (2006).

entre a palavra-entrada e o corpo do verbete, há o estabelecimento de uma repetição (paráfrase e polissemia) e de um silêncio. Não pressupomos, pois, tal como em uma concepção lógica, a constituição de uma predicação, de forma

que o verbo ‘ser’ estaria latente entre a palavra-entrada (as unidades da nomenclatura) e o corpo do verbete (a definição, os equivalentes). O que ocorre entre a palavra-entrada e o corpo do verbete é justamente um movimento entre o um e o múltiplo, um horizonte possível de significação, em outras palavras, um silêncio (NUNES, 2006, p.30-31).

Nunes (2006) nega a latência do verbo “ser” entre palavra-entrada e corpo do verbete porque um fato de silêncio é irreduzível a uma formulação linguística. Formular de outro modo, inserindo o verbo “ser” onde ele não está, já é significar diferentemente. O autor apropria-se da noção de silêncio, teorizada por Orlandi (2007), para mostrar que o trabalho do lexicógrafo sobre o já-dito não escapa da relação tensa entre o mesmo e o diferente, porque não há, apesar do desejo de completude, sentido unidirecional; existem “fatos de silêncio”. Segundo Orlandi:

O funcionamento do silêncio atesta o movimento do discurso que se faz na contradição [...] no entremeio entre a ilusão de um sentido só (efeito da relação com o interdiscurso) e o equívoco de todos os sentidos (efeito da relação com a lalange) (ORLANDI, 2007, p.17).

Há um imaginário que constitui a produção do dicionário, mas há também um silêncio que significa, entrecortado pela palavra-entrada, acepções, exemplos e outros domínios de um verbete.

É esta relação estabelecida por Nunes (2006) entre silêncio e estrutura do verbete juntamente com a compreensão da noção de composição em Lagazzi (2009) que me expôs o olhar para a formulação visual da *imbricação material dos domínios discursivos do dicionário*.

Os conceitos de *composição* e *imbricação material* são mobilizados nos trabalhos de Lagazzi (2009, 2011) para compreender, principalmente, o funcionamento de materialidades significantes diversas em documentários que tematizam os furos do e no social. A pesquisadora explica que, no trabalho discursivo,

não temos materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais (LAGAZZI, 2009, p.68).

Se, por um lado, o interesse de Lagazzi (2009, 2011) é a análise de diferentes materialidades significantes, por outro, suas compreensões analíticas trazem movimento ao corpo teórico da Análise de Discurso para olhar também o funcionamento do verbal, particularmente, neste trabalho, *aquilo que permite a leitura de definições como equivalentes semânticos de uma palavra-entrada*. As condições de produção da prática lexicográfica produz uma injunção à apreensão das significações possíveis de uma palavra utilizando diferentes recursos textuais, os domínios discursivos dos quais descreve Nunes (2006). O imaginário de apreensão, no entanto, é contrastado pela abertura do simbólico – propulsor de equívocos e material de contradições: entremio² de nomenclatura, definições, exemplos, etimologia, etc.

Não existe o verbo “ser” ou outra marca linguística que estabeleça uma relação entre a palavra-entrada e o corpo do verbete, no entanto a relação está funcionando. Certamente é algo da ordem discursiva, de um modo de significar próprio ao dicionário, de suas condições de produção e de leitura, como explica Nunes (2006). Apesar da história de leitura vir marcada de algum modo, muitas vezes no próprio prefácio, nas instruções do “como ler”, um leitor já (estranhamente) familiarizado³ poderá distinguir o que é uma definição em diferentes dicionários sem recorrer a uma instrução, ainda que a marca de distinção não seja sempre a mesma. Palavra negritada, em itálico, separada em sílabas, com espaço em branco maior, com dois pontos ou uma barra, enfim, ainda que não exista uma *formulação linguística* para significar o que é uma palavra-entrada e o que são as definições, esta distinção estará *marcada de algum modo*. Entre palavra-entrada e corpo do verbete *existe algo que impede a leitura na forma de uma contiguidade sintática*. Cada dicionário apresenta um modo próprio de estruturação, incluindo o material desta análise:

efeito | s. m.

e-fei-to
(latim *effectum*, -i)
substantivo masculino

1. O que resulta de uma causa (ex.: *efeitos colaterais*). = CONSEQUÊNCIA, RESULTADO
2. Fim, destino.
3. Impressão, sensação.
4. Impulso dado a uma bola, geralmente com um taco, para que esta se desvie para o lado ao encontrar um ponto de resistência.
5. [Comércio] Valor negociável.
6. [Pintura] Combinação.

com efeito
• Usa-se para enfatizar ou confirmar o que é dito. = DE FATO, EFETIVAMENTE, NA REALIDADE, NA VERDADE

efeito de estufa
• [Ecologia] Processo de aquecimento da atmosfera devido à retenção de calor por alguns gases.

efeito especial
• [Cinema, Televisão] Utilização de meios técnicos, geralmente de imagem e som, para simular uma situação ou uma imagem que não pode ser filmada. (Mais usado no plural.)

efeito secundário
• Manifestação que é consequência da toma de um medicamento. (Mais usado no plural.)

Auxiliares de tradução _____

Traduzir “efeito” para: [Espanhol](#) | [Francês](#) | [Inglês](#)

Parecidas 1 _____

efeitos	efeito	efeituo	feito	eito	efetuo	efetivo
-------------------------	------------------------	-------------------------	-----------------------	----------------------	------------------------	-------------------------

Palavras vizinhas 1 _____

éfedra	efedrina	efeitarrão	efeito	efeituador	efeituar	efélide
------------------------	--------------------------	----------------------------	-------------------------------	----------------------------	--------------------------	-------------------------

Anagramas _____

[feiot](#)

Figura 5 – Verbete “efeito”; consulta em 20/09/2014.

A imagem anterior é o recorte de uma parte⁴ do verbete “efeito” do dicionário *Priberam*. Na parte superior da imagem, o “efeito” está dentro de uma figura retangular seguido por uma barra vertical e “s.m.” que designa substantivo masculino. Logo abaixo, o “efeito” dividido silabicamente por pontos⁵, seguido da etimologia latina (entre parênteses), as acepções numericamente organizadas e conjunções particulares do “efeito”. Antes de “Auxiliares de tradução” junto a uma barra horizontal, estão os ícones de redes sociais, como Facebook e Twitter, com a possibilidade de compartilhar o “efeito” nestes outros espaços da Internet, imprimir ou enviar por e-mail. As quatro últimas partes da imagem “Auxiliares de tradução”, “Parecidas”, “Palavras vizinhas” e “Anagramas” estão separadas também por uma barra horizontal. Para o caso de “Parecidas” e “Palavras vizinhas” há um círculo rosa com a letra “i” em branco. Quando a seta do mouse passar

por cima do círculo de “Parecidas” uma caixa aparece com a seguinte explicação “Palavras próximas ortográfica ou foneticamente da palavra consultada” e “Palavras que surgem antes e depois da palavra consultada no dicionário” para o círculo de “Palavras vizinhas”.

Não há uma marca linguística semelhante, como a de nomeação, para as definições, a divisão silábica, a etimologia ou a classe gramatical. No entanto, leio “e.fei.to” como a palavra “efeito” dividida silabicamente por pontos. Independentemente de sua marcação, não é o interdiscurso que determina esta leitura? Sim, porém, ainda assim *sua atualização material no intradiscurso continua a ser formulada*. No caso do que aparece abaixo da palavra silabicamente dividida, existe a classe gramatical “substantivo masculino” em azul e as aceções numeradas. Se não existissem numerações ou a tipografia em azul, como diferenciar classe gramatical de aceções? No caso de “Palavras vizinhas”, ao contrário, é uma relação linguisticamente explicitada (juntamente a uma relação visual), mas que diz pouco a respeito da organização do verbete no dicionário *Priberam*. O que é uma palavra “vizinha” e “antes” e “depois” em um dicionário digital que não tem uma organização por páginas impressas e a busca pelas palavras não segue uma “ordem alfabética”?

Mostrarei, no decorrer das análises, que *a formulação linguística funciona também por sua formulação visual* no dicionário *Priberam*. *O horizonte de significação se abre no recorte do silêncio pela composição material entre a palavra-entrada e os domínios do verbete*. A relação entre a imbricação intradiscursiva da formulação linguística com a formulação visual funciona pela opacidade, incompletude e contradição da ordem discursiva de toda formulação linguageira.

4. A divisão política do dicionário *Priberam* entre o global, o nacional e o local

Disponibilizado na Internet pela primeira vez em 1996, o *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa* (DPLP) toma por base de arquivo o “Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa”, editado em Portugal pela Lello Editora, nas versões de 1996 a 1999. Segundo o próprio site, existiu uma equipe de linguistas que trabalharam a partir da edição impressa para o “formato adequado à disponibilização

eletrônica” e a equipe trabalha hoje com “constante atualização e melhoramento” (PRIBERAM, 2013).

Da data de sua primeira circulação na Internet, em 1996, o dicionário tinha outro nome: “Dicionário de Língua Portuguesa *On-line*” (DPLO). Isto porque a empresa *Priberam Informática* só veio a licenciá-lo em 2008, sendo que a partir de abril de 2009 o conteúdo, considerado propriedade da empresa, pôde ser atualizado diariamente.

A adaptação do conteúdo, do *software* e da interface do Dicionário *Priberam* permite, desde Julho de 2011, a consulta numa das duas normas, **português europeu** ou **português do Brasil**, além de se manter a possibilidade de visualizar o conteúdo na grafia pré ou pós-Acordo Ortográfico (PRIBERAM, 2013, grifos meus).

De acordo com o *Priberam* (2013), o DPLP é o dicionário de língua portuguesa mais consultado na Internet, com mais de um milhão de visitas diárias, além de ser o quinto site português mais visitado em 2012. O site ainda destaca sua presença, na forma de citação, em redes sociais como blogues e Twitter.

A *Priberam Informática, S.A.*, é uma empresa

especialista na concepção e desenvolvimento de software e conteúdos digitais, disponibilizando produtos e serviços em quatro áreas distintas: processamento computacional da língua, sistemas de gestão de conhecimento jurídico, motores de pesquisa semânticos e saúde (PRIBERAM, 2013).

O DPLP faz parte do “conjunto de ferramentas linguísticas para escrita correcta da língua portuguesa” desenvolvidas em um dos subsetores da *Priberam*, o FLiP⁶.

Estas considerações já mostram uma disputa política na instrumentalização da língua portuguesa. Trata-se de um dicionário inicialmente produzido apenas em Portugal, mas pelo menos desde 2011 estendeu sua abrangência para o **português do Brasil**. Na continuidade das descrições do material, para ser consequente com as análises das divisões políticas da língua, retomo o conceito de espaço de enunciação em Guimarães (2005).

A relação com os falantes é constitutiva do funcionamento da língua. Não há como ela não ser afetada pelas distintas práticas que configuram o modo institucional ou imaginário de ocupar uma posição frente a outras, ou seja, não há como não dividir a língua politicamente.

O espaço da enunciação é o lugar da atribuição das línguas para seus falantes. E cada espaço de enunciação tem uma regulação histórica específica, ou seja, distribui as línguas que estejam em relação em condições históricas específicas, de um modo particular (GUIMARÃES, 2005, p.10).

No caso do espaço de enunciação brasileiro em meados do século XIX, a língua oficial e a língua nacional são determinadas pela diferença entre a língua do Brasil e a língua de Portugal, ao mesmo tempo em que são predicadas pelo valor de civilização, em contraposição ao primitivo que predica e apaga as línguas indígenas e africanas (GUIMARÃES, 2005). No caso do DPLP, a divisão não toma por parâmetro apenas a relação espacial de nações diferentes, apesar de ainda se manter presente na própria designação de português no texto de apresentação de 2012 já reproduzido no início do artigo.

A designação **português contemporâneo** incluída na definição do DPLP está em relação com as nomeações apresentadas no parágrafo seguinte: “português europeu” e “português do Brasil”. Não é citada aqui e nem em nenhuma outra página do site do dicionário outra determinação nominal para português, como, por exemplo, “português angolano” (ou “português de Angola”). Nos artigos dos verbetes, o usuário do dicionário pode ter acesso às normas (ortográficas) europeias e do Brasil, sinalizadas pelas bandeiras de Portugal e do Brasil que acompanham o link que determina qual norma será visualizada.



Figura 6 – Ferramenta de busca; consulta em 13/04/2012

Na barra (Figura 6), o usuário pode realizar a busca do verbete selecionando as opções de antes ou depois do acordo ortográfico (representado pelos ícones em verde – aAO – e em vermelho – dAO) e as opções de português europeu e português do Brasil. Destaco que a

reescritura imagética de **português europeu** é um ícone que representa a bandeira de Portugal. Nestas condições, o **português contemporâneo** do DPLP é a designação que engloba somente o **português europeu** e o **português do Brasil**.

Como dito anteriormente, o DPLP só incluiu a norma do “português do Brasil” em 2011. Consultei no site Wayback Machine⁷ como a página inicial do dicionário era apresentada em 2010 e encontrei uma disposição muito semelhante à de 2012 e com o texto de apresentação localizado no mesmo espaço destinado à apresentação de 2012 (parte central superior), com a seguinte redação:

O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP) é um dicionário de português europeu (de Portugal) que contém cerca de 96 000 entradas lexicais, incluindo locuções e fraseologias, e que permite a consulta de definições, com sinónimos e antónimos por aceção, subentradadas e locuções. Em alguns casos é também possível consultar informação sobre a origem da palavra e a sua pronúncia, sobre a conjugação verbal e sobre equivalentes de e para espanhol, francês e inglês.

A presente versão do DPLP permite a consulta com ou sem as alterações gráficas previstas pelo [Acordo Ortográfico de 1990](#). Para informações pormenorizadas sobre a pesquisa no DPLP, deverá aceder à secção [Como consultar](#).

Esta obra é disponibilizada gratuitamente *on-line* e actualizada regularmente. Quaisquer sugestões ou correcções devem ser enviadas para dicionario@priberam.pt.

Figura 7 – Texto de apresentação do dicionário na página inicial <www.priberam.pt/dlpo> em 2010

Neste texto, o DPLP é definido como dicionário de “português europeu (de Portugal)”. Esta relação de substituição se preserva em outros textos do dicionário, como no link “Sobre o dicionário”, que funciona como uma explicação dos domínios do dicionário um pouco mais detalhada do que na apresentação anterior.

A formulação de 2012 preserva construções de 2010 quase sem alterações quanto a alguns elementos do dicionário, mas quero me deter neste momento quanto às designações do português nas duas apresentações. Desliza de **português europeu** em 2010 para **português contemporâneo** em 2012. Desliza de uma adjetivação pelo território para uma adjetivação pela temporalidade.

Português contemporâneo é a designação utilizada também em outro momento significativo do processo de gramatização do português no Brasil, em 1970, na **Gramática do Português Contemporâneo** de Celso Cunha e na edição posterior em autoria

conjunta com Lindley Cintra na **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Na análise destas designações, Orlandi e Guimarães (2001) mostram como a primeira edição assinada apenas por Cunha “reivindica o caráter universal da língua portuguesa (Gramática do Português) e coloca a questão de sua unidade hoje (contemporâneo). Ele restituiu esta unidade na diferença das épocas” (ORLANDI e GUIMARÃES, 2001, p.27), enquanto a unidade da língua na segunda edição é reforçada pela assinatura de um autor português e um autor brasileiro.

A memória desta imagem fantasmagórica da unidade da língua pelo seu recorte temporal e a importância da construção de uma função-autor específica funciona em *Priberam* em uma conjuntura diferente com um complexo de determinações bem deslocado. O dicionário não é assinado por um autor (com o efeito de referência de uma pessoa física no mundo), mas por uma empresa portuguesa com uma equipe de linguistas responsáveis pela produção dos verbetes. As relações linguísticas, econômicas e políticas entre Portugal e Brasil não passam mais predominantemente apenas pelas reivindicações de duas nações (como veremos mais à frente). As tecnologias e os instrumentos linguísticos, entendidos aqui pela densidade histórica, não são uma adição ou subtração de elementos de uma mesma ordem discursiva. “Contemporâneo” no embate de suas formulações no presente e no passado.

Dentre as mudanças no texto de 2012 estão as grafias de **eletrônica** e **atualização**, que em 2010 estavam grafadas como **electrónica** e **actualização**. No texto de 2010 há o sintagma **equipa de linguistas** no segundo e no terceiro parágrafos, substituído em 2012 por **equipe de linguistas** apenas no terceiro parágrafo. Em 2012 é acrescentado no item **O DPLP e o novo Acordo Ortográfico** a existência de uma versão dos verbetes **redigida na norma brasileira do português**. A norma é brasileira, mas e o português? Se **norma brasileira do português** é uma reescritura de **português do Brasil**, as línguas em questão são as normas ortográficas de cada País? Quais processos discursivos sustentam a manutenção da estrutura e conteúdo dos textos de apresentação com a modificação de algumas grafias quando se trata da mudança da produção de um dicionário de **português europeu** para a produção de um dicionário de **português contemporâneo**?

O fato do DPLP ser produzido por uma empresa de informática aponta para aquilo que Auroux (1998, p.289) chama de terceira revolução tecnolinguística, sem dicotomizar este momento, visto que este se apoia sobre as outras duas revoluções, a escrita e a gramatização. No caso do DPLP é explícita a relação que estabelece com a gramatização ao utilizar o dicionário como instrumento linguístico tratado informaticamente e com a escrita ao utilizar as unidades da forma-léxica (palavra) e forma-letra (caractere).

Retomo um fato linguístico já visualizado anteriormente: o enunciado em espanhol que aparece na aba “twitter” para o verbete “mundo”. Ao me deparar com o enunciado em espanhol em um dicionário de língua portuguesa, acreditei ser um fato relevante para pensar o cenário atual dos saberes linguísticos, particularmente o saber lexicográfico. Assinalo não tratar-se de um fato isolado. Trago outros recortes:



Figura 8 – Enunciados com a palavra “chiste”; consulta em 11/05/2012.



Figura 9 – Enunciados com a palavra “litígio”; consulta em 11/05/2012.

Tanto na Figura 7 (chiste), como na Figura 8 (litígio), todos os enunciados do *Twitter* estão em Espanhol. Isto é uma regularidade no conjunto de outras palavras-entradas que digitei na caixa de busca do *Priberam*, porém, não exatamente para qualquer palavra. A especificidade está ligada à técnica utilizada pelo software em sua busca. A procura é pelo código e não pela palavra, um significante na história. Explico melhor: a linguagem informática é uma linguagem binária que transforma toda informação em uma combinação de 0 (zero) e 1 (um). Cada caractere (letra) de uma palavra corresponde a uma combinação exclusiva. A palavra digitada pelo usuário do *Priberam* é “lida” como as combinações de 0 e 1. Neste contexto, não está previsto no funcionamento do software procurar apenas palavras pertencentes ao léxico português, porque a função de buscar o código não abarca a língua em sua materialidade própria, que não é a formalização do digital.

Mediante tais características, concordo com Auroux⁸ (1998, p.318) quando afirma que a formalização “concerne aos atos repetitivos, aqueles que podem tornar-se independentes das circunstâncias e da multidão indefinida das variações possíveis”. Os atos repetitivos são perceptíveis em virtude da disposição bidimensional dos sinais gráficos e contextualmente independentes em função da literalização. O serviço de consulta operado pelo site no momento da busca funciona por meio da formalização. A partir disso, tem-se uma busca

pautada em atos repetitivos, ou seja, o reconhecimento da forma gráfica do termo consultado repete-se a cada vez que o programa encontra em seu banco de dados o mesmo “significante”. Dito de outra maneira, o usuário do dicionário entra com uma informação léxica e o software lê como uma informação matemática⁹.

A descolagem entre a técnica informática e o saber linguístico é um sintoma da não simultaneidade de dois processos distintos, mas não separados: o da globalização e o da mundialização, tal como conceituados por Ortiz¹⁰ (2006, p.37):

Quando falamos de economia e de tecnologia nos referimos a processos que se reproduzem igualmente em todo o planeta. Há apenas uma economia global, o capitalismo, e um único sistema técnico (computadores, internet, satélites, etc.). Global nos remete assim à idéia de unicidade. Seria entretanto inconsistente sustentar o mesmo ponto de vista com relação à esfera da cultura. Mundialização que se exprime em dois níveis: a) está articulada às transformações econômicas e tecnológicas da globalização, a modernidade-mundo é sua base material; b) é o espaço de diferentes concepções de mundo, no qual formas diversas e conflitivas de entendimento convivem.

O sistema informático é uma técnica que não dá conta dos processos históricos nos quais as línguas estão inseridas. Há uma seleção de dados promovida pela caixa de busca no sentido de simular uma relação direta entre significante e significado, palavra e código, linguagem e mundo, tendo em vista que o programa estabelece relações como se todo termo de busca carregasse um único sentido, imutável, original, sem historicidade. Esta forma de tratamento da linguagem está implicada com o fato de que a leitura do arquivo deve transformá-lo em algo a ser transmitido com informações coerentes e não contraditórias (uma proximidade com a Teoria Matemática da Comunicação/Informação). Como alerta Ortiz (2006), cultura (e eu digo língua) não é informação, mas um complexo simbólico não agarrado à técnica: “a realidade de uma rede eletrônica não pode pois coincidir com a de uma rede de significados, a justaposição dos termos é meramente ilusória” (ORTIZ, 2006, p.63).

Na retomada das condições de produção para analisar a necessidade de apresentar os enunciados sobre o dicionário e o reforço de visualização da língua de Portugal e do Brasil, pode-se olhar para os inúmeros acordos internacionais entre estes países com o objetivo de unificação das línguas materializado em acordos mútuos, do qual o acordo ortográfico é apenas um deles.

Se de um lado, a união é justificada como uma resposta à demanda do mercado competitivo no qual a língua inglesa é predominante, de outro, todos os países que têm a língua portuguesa como oficial não são citados no dicionário *Priberam*. Desde 1990 vê-se, segundo Zoppi Fontana (2009), a formação de um espaço de enunciação transnacional, definido “por este transbordamento das fronteiras territoriais dos Estados-Nações pelas línguas nacionais que o constituem na sua materialidade histórica” (ZOPPI-FONTANA, 2009, p.21). Nestas condições, a técnica acompanha a materialidade histórica de exclusão dos países africanos e, a um só tempo, evidencia a posição alcançada pelo Brasil nas políticas mundiais. A técnica visibiliza, então, os territórios já legitimados na esfera política. Ela não reproduz qualquer fato, isto é, a força material do processo de globalização “requer a existência de instituições sociais capazes de produzir, reproduzir e transformar a ordem das sociedades. Sua totalidade é vazada de contradições, de disputas e de acomodações”, nas palavras de Ortiz (2006, p.74).

Existe, como dizem Zoppi-Fontana (2009) e Ortiz (1996), um cenário que atravessa as fronteiras do Estado-Nação sem diluí-las na indistinção. “Não se trata de um espaço onde se *apaguem as fronteiras entre as línguas*; ao contrário, é necessário o reconhecimento dessas fronteiras para que aconteça seu *transbordamento*”, segundo Zoppi-Fontana (2009, p.21). No caso do dicionário, mostrei como a técnica é descolada dos saberes linguísticos, no entanto continua a produzir efeitos. Em outros lugares, o contexto da modernidade-mundo (ORTIZ, 2006) apresenta outras manifestações de sua força-material:

LED Ver Definição [Pesquisar nas definições](#)

LED | *s. m. 2 núm.*

Sabia que? Pode consultar o significado de qualquer palavra abaixo com um duplo clique. Experimente!

LED [léde]
(sigla do inglês *Light Emitting Diode*, diodo emissor de luz)
s. m. 2 núm.
Díodo que emite luz quando lhe é aplicada energia eléctrica.

Ver também dúvida linguística: [plural de siglas, acrónimos, abreviaturas e símbolos.](#)

Figura 10 – verbete LED

Traduzir:   

piá | *s. m.*

Sabia que? Pode consultar o significado de qualquer palavra abaixo com um duplo clique. Experimente!

piá
s. m.
1. [Brasil] Menino.
2. Filho do caboclo.
3. Rapaz.

Figura 11 – verbete piá

Diferente da situação em que outra língua, o Espanhol, aparecia por uma leitura matemática da informação, a Figura 9 mostra uma “sigla do inglês”, *LED – Light Emitting Diode*, como um verbete possível de um dicionário de português feito e aprovado por uma equipe de linguistas. Já na figura 10, o verbete “piá” é marcado como um brasileirismo pelo substantivo nominal “Brasil” entre colchetes e não como um regionalismo interno do mesmo modo que é apresentado por outros materiais impressos. Este dicionário não produz mais a mesma unidade linguística objetivada na formação dos Estados-Nacionais, todavia, não se apaga a referência da Nação (como indicado nas nomeações das línguas e nos ícones das bandeiras descritos). Para Ortiz (2006, p.54), “a globalização pouco tem a ver com o fim das fronteiras, ela sugere muito mais a redefinição dos antigos limites geográficos, tanto o local quanto o nacional, assim como a criação de novas fronteiras”.

Ortiz (2006; 1996) chama atenção para o modo como na modernidade-mundo “diversas temporalidades se entrecruzam”, trazendo para a discussão, não a separação, mas a articulação entre o

global, o nacional e o local no fluxo na modernidade-mundo, sem uma definição a priori. Essa tomada de posição analítica não implica indistinguir as partes desiguais da totalidade social. De acordo com o autor, “esses elementos, aparentemente desconexos, serão envolvidos por uma malha mais ampla [...] Diversidade e semelhança caminham juntas, expressando a matriz modernidade-mundo em escala ampliada” (ORTIZ, 1996, p.19). Há hierarquia e relações de força em disputa. A configuração atual da transversalidade entre as três instâncias (global, nacional e local) implica em olhar para os ritmos diferentes em que as relações de força jogam no interior da esfera política (da língua) desvinculando, por exemplo, as territorialidades de espaços físicos. Afetado por essa transversalidade, o saber linguístico-lexicográfico é redimensionado.

5. Retomada do desvio

Reiterei em um primeiro momento, a partir de Lagazzi (2009) e Nunes (2006), que a relação entre os domínios do dicionário, incluindo aí as ferramentas lexicográficas digitais próprias do *Priberam*, é equívoca e contraditória. Efeitos de sua materialidade significativa e histórica. Uma formulação linguística na composição com uma e/ou sua formulação visual. Desenvolvo nesta seção um pouco mais estas considerações, ainda em curso. Trago um pequeno texto adicionado à apresentação de *Priberam* em 2014 para desdobrar minhas proposições sobre a relação visual-linguístico contraditória e equívoca, no material de análise em foco.

Novidade!

A presente versão do DPLP foi adaptada às novas tecnologias Web e reformulada para facilitar o acesso a partir de qualquer tipo de dispositivos - *desktop, tablet e mobile*. Para além das mudanças em termos de tecnologia, apresenta também mudanças visuais, para facilitar a leitura e a compreensão do dicionário, e conteúdo adicional, como por exemplo, a visualização de anagramas, palavras relacionadas ou divisão silábica.

A Priberam agradece o envio de comentários para dicionario@priberam.pt.

Obrigad@ e boas consultas!

Figura 12 – Texto adicionado à apresentação em 2014.

O pequeno texto diz das mudanças em *Priberam* para, “em termos de tecnologia”, “facilitar o acesso a partir de qualquer tipo de dispositivos – *desktop, tablete, e mobile*” e para, em termos de “mudanças visuais”, “facilitar a leitura e a compreensão do

dicionário”, incluindo “a visualização de anagramas, palavras relacionadas ou divisão silábica”. Visualizar palavras. Fica estabelecido um vínculo entre “leitura e compreensão” e “visualização”. Uma circulação cotidiana possível para este vínculo funcionaria em um enunciado do tipo: “organizei o texto assim para visualizar melhor”. Ler, compreender e visualizar (ver): paráfrases que, ao atualizarem o efeito metafórico¹¹, expõem um funcionamento discursivo que contrasta o imaginário da não presença do visual no linguístico. Não seria este imaginário um dos efeitos do processo histórico de gramatização e da construção de um objeto para uma ciência, a Linguística, ao confundir objeto real com objeto de conhecimento¹²? Sobre o visual na escrita digital, Dias (2012) aponta:

Através do ciberespaço, o sujeito alcança um espaço pleno de linguagem: linguagem 'informática e reticular', que seria a linguagem numérica, dos algoritmos e também a linguagem das redes; linguagem visual, tanto escrita quanto imagética, como por exemplo, palavras e ícones; a linguagem 3D que coloca o sujeito no universo da linguagem sensorial dos cinco sentidos (DIAS, 2012, p.103).

Visualizar palavras: “obrigad@” no pequeno texto de apresentação em 2014 pode ser lid@, compreendid@ e/ou visualizad@? Efeitos da corpografia¹³ e d@ corpolingüagem¹⁴? Corpo da/na letra e letra do/no corpo na divisão histórica dos sexos e gêneros? Quem enuncia “obrigad@” é um falante ou o DPLP? @ é o significante que designa um corpo sexual ou um corpo digital? Corpo? “*Para além*”? Linguistic@? Perguntas que suspendem a interpretação “certa” e retomam um desvio.

De acordo com Nunes (2007, p.167), “a língua do dicionário é uma língua imaginária, construída de acordo com determinados objetivos e recortes do dicionarista”. A contextualização pelas ferramentas lexicográficas digitais, especialmente os enunciados realocados da rede social Twitter, produz um fato de linguagem que acredito inédito no processo de gramatização do português: o funcionamento da língua fluída em um instrumento linguístico visto que a ferramenta construída pelo lexicógrafo insiste em escapar de um recorte pré-

definido. Os enunciados em espanhol atestam ainda que a falha na leitura-escritura informática é a possibilidade de atravessar as fronteiras de uma língua. As sequências apresentadas na quarta seção foram recortadas em 2012. Em 2014, não encontrei mais sequências do Espanhol. Nas consultas que realizei em março, abril e maio de 2013, a ferramenta do Twitter não estava com acesso disponível e, no seu lugar, um espaço em branco. Nas consultas que realizei em julho, agosto e setembro de 2014, a nova atualização do dicionário permitia novamente a consulta ao Twitter, mas não me deparei mais com enunciados em outras línguas que não o “português contemporâneo”. Não encontrei no site nenhuma explicação sobre esta mudança específica, mas, pela regularidade dos enunciados, o novo algoritmo de busca no Twitter seleciona os perfis originários de Portugal¹⁵.

Independente do espaço físico de onde o computador enviou a informação, o enunciado continua a ser produzido por um falante para o Twitter e não é a produção de um exemplo ou contextualização de um lexicógrafo para um verbete de dicionário. Não há correspondência direta entre acepções e o que emerge no Twitter. A contradição entre língua fluída e língua imaginária continua a funcionar de algum modo no instrumento linguístico mesmo dois anos após meu primeiro recorte de análise. O uso do Twitter ainda é circundado por uma prática lexicográfica de escritura do verbete e suas respectivas delimitações; um recorte político de IPs¹⁶ de Portugal para uma língua denominada como “português contemporâneo”; designação que recobriria também o Brasil. Sobre o efeito de unidade, uma contradição. Pergunto, portanto, quais são seus efeitos históricos no processo de produção de saberes sobre a língua em sua divisão política fundada na contradição entre língua fluída e língua imaginária na sua produção digital? Este fato de linguagem em Priberam me parece produtivo para avançar sobre o funcionamento da composição contraditória entre o visual e o linguístico.

Tenho definido a contradição discursiva (ADORNO, 2015, p.86) como “os efeitos de sentido que apontam para distintos, porém concomitantes, processos históricos, isto é, *a composição de tendências históricas diferentes, irredutíveis umas às outras, em uma unidade material do sentido*”. Uma unidade que não cessa de se dividir em dois (PÊCHEUX, 2009). Por exemplo, a contradição entre a língua imaginária de um saber linguístico e a língua fluída de

enunciados no Twitter em um único verbete. Enquanto o saber linguístico busca uma unidade da língua, os enunciados funcionam pela potência de singularidade, de diferença, irredutíveis em suas condições de produção a um sistema imaginário do lexicógrafo.

A noção de irredutibilidade de um processo histórico a outro, isto é, a impossibilidade de uma síntese¹⁷, é a base para compreender o que é uma contradição e não confundi-la com uma oposição. O jogo de forças contraditórias sem ponto de equilíbrio produz o incessante movimento na História. Os lados da contradição e suas formas históricas concretas, “os contrários” não preexistem à contradição. É neste sentido que para Badiou (1976) a dialética materialista é uma dialética destruidora. Pode-se dizer que a contradição é uma das forças do movimento histórico e não um ponto de interrupção ou imobilizador; é a própria condição de existência dos contrários. Apesar de sua dominância na formação social capitalista, a contradição capital/força de trabalho, por exemplo, está no embate com outras contradições de diferentes instâncias, como, na política, na ideologia e no saber linguístico.

No processo de gramatização, a produção do conhecimento sobre a língua mediante gramáticas e dicionários materializa de outro modo a contradição entre o saber e os sujeitos de linguagem sob a forma da construção das línguas nacionais. O funcionamento da língua fluída no dicionário *Priberam* pelos enunciados do Twitter não quebra, nem mesmo balança em fins de 2014, a força histórica do processo de gramatização e reprodução da língua imaginária. No entanto, este ineditismo de uma língua fluída textualmente interno a um instrumento linguístico trabalha como mais um elemento na produção de uma língua transnacional e da terceira revolução tecnolinguística, a automatização no tratamento das línguas.

Tanto nas formulações de 2012 quanto nas formulações de 2014, os enunciados do Twitter eram intradiscursivamente colocados espacialmente fora no eixo principal de visualização do verbete. As figuras abaixo são os frames da minha tela de computador logo depois do primeiro click na caixa de buscas pela palavra “fato” em 2012 e 2014.

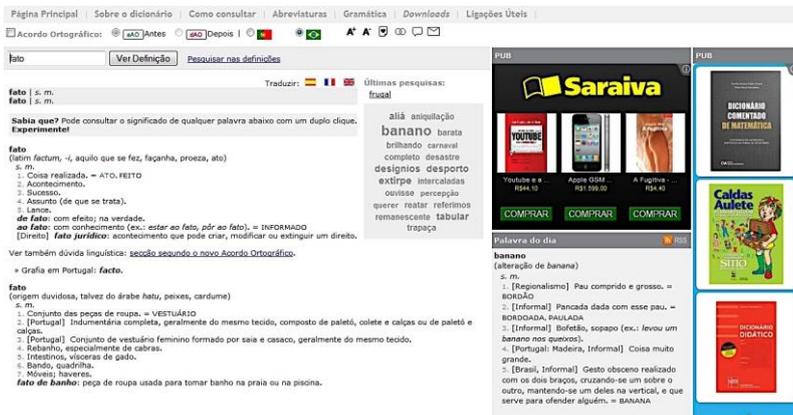


Figura 13 – Visualização da tela 2012.



Figura 14 – Visualização da tela 2014.

Em 2012, o usuário precisa, dependendo da dimensão da tela de visualização, rolar a barra para baixo (descer a tela), ver a aba do Twitter, depois clicar sobre ela e acessar a ferramenta que mostrava os enunciados (como descrito nos recortes da seção anterior). Em 2014, os enunciados já aparecem automaticamente na tela, mas não para qualquer palavra e também não sem rolar a barra para baixo.



Figura 15 – Visualização da tela em 2012 depois de deslocada para baixo.

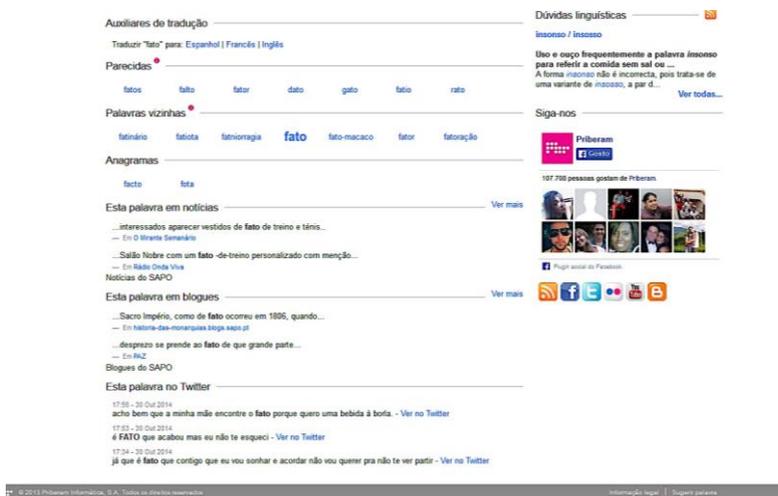


Figura 16 – Visualização da tela em 2014 depois de deslocada para baixo.

O conceito de composição autoral, formulado por mim (ADORNO, 2015, 2017), auxilia no procedimento de compreensão dessa imbricação entre o linguístico e o visual nos domínios discursivos do dicionário. Defino composição autoral como (ADORNO, 2017, p.117) esse “modo de textualizar no entremeio das materialidades, assumindo a responsabilidade de um dizer imaginariamente unificado, porém sempre tensionado pelas múltiplas contradições sobredeterminadas”. Assim, levo em consideração que, apesar de existir o efeito imaginário

de unidade textual e unidade autoral, existe, a um só tempo, um jogo de contradições entre materialidades, entre domínios discursivos e entre os lugares sociais que imaginariamente assinam o dizer do dicionário (equipe de linguistas, empresa de informática e lexicógrafos), sendo que uma dessas forças se torna o elemento dominante dessa composição, direcionando os efeitos históricos para uma direção e não para outra. É preciso levar em consideração esses processos concomitantes: a produção imaginária de uma unidade, as contradições constitutivas e o jogo de poder, político e ideológico, que produz um elemento dominante frente a outros.

Ao textualizar espacialmente mais acima ou mais abaixo da página, com a necessidade ou não de clicar sobre algum link, o dicionário produz um efeito de relevância, hierarquiza os sentidos. No pequeno texto da apresentação, *Priberam* diz buscar “facilitar a leitura e compreensão” pelas “mudanças visuais”. A nova formulação visual retira a necessidade do click sobre a aba do Twitter, mas mantém a posição espacial abaixo das aceções; é o último tópico: na imagem anterior começa-se por “Auxiliares de tradução”, “Parecidas”, “Palavras vizinhas”, “Anagramas”, “Esta palavra em notícias”, “Esta palavra em blogs” e só então encerra a lista com “Esta palavra no Twitter”. Um *movimento de esquematização*¹⁸ da espacialidade do dizer em sua possibilidade ou não de visualização.

Visualmente formulada por sua distribuição no espaço da tela. Contiguidade sintática e contiguidade pela localização espacial. Discursivizado pelo dicionário como *visualizar, ler, compreender* na formulação dos verbetes. Uma composição equívoca dos domínios de um dicionário pela irrupção de enunciados que não pertenceriam a um sistema imaginário (unidade) da língua. De acordo com Nunes (2006), a contextualização é lugar próprio para analisar os gestos de leitura de arquivos dos lexicógrafos em determinadas condições de produção. O que torna possível o Twitter como uma ferramenta lexicográfica digital na contextualização dos verbetes? Dias (2012, p.69) explica que “a técnica, em geral, nasce do/no contexto em que a necessidade (contraditória) do Homem de dominar e imitar a natureza revela-se num horizonte de possibilidades”. Este momento histórico peculiar, quando podemos falar de um jogo de duas revoluções tecnolinguísticas, a gramatização e a automatização no tratamento de línguas naturais é minimamente determinado pelo triplo movimento

contraditório entre o logicismo e o sociologismo, entre a língua imaginária e a língua fluída e entre o saber linguístico e o saber informático.

Gadet e Pêcheux (2014 [1977]) estudaram os modos como o logicismo e o sociologismo tomaram formas distintas na história das ideias linguísticas. O logicismo é apresentado como o que “procura universais (escolásticos, em seguida racionalistas) [...] enuncia leis e constrói uma teoria gramatical”, enquanto o sociologismo como o que “faz aparecer a dispersão e uma alteridade no espaço e no tempo [...] efetua uma descrição, fazendo um estudo empirista dos dados” (GADET e PÊCHEUX, 2014 [1977], p.297). Os autores partem destas formas extremas para mostrar como, no saber sobre a linguagem, elas agem como tendências em constante luta, distintas configurações e dominâncias, materializadas em formas históricas específicas como a produção das gramáticas normativas, descritivas e históricas ou também as numerosas teorias linguísticas – o funcionalismo, a sociolinguística, a psicolinguística, o gerativismo, a semântica formal, a semântica enunciativa entre outras. O modo como se trabalha a contradição logicismo/sociologismo enunciada de cada um destes lugares de saber incidem sobretudo na noção de sujeito, impulsionada pelas filosofias espontâneas dos linguistas. No caso da sociolinguística, explicam os autores, a luta de tendências aparece na

unidade dos contrários sob a forma moderna do sujeito lógico-natural, instalando entre a língua-abstração do logicismo e o indivíduo do sociologismo. A noção de sujeito é sem dúvida [...] aquilo que realiza a contradição da linguística, o núcleo em que se condensa sua filosofia espontânea. Mas não é evidentemente reproduzindo esta unidade dos contrários por meio de uma aparente síntese que recobre e condensa a contradição que se pode esperar sair dela: para isto, é preciso mudar radicalmente de terreno de maneira a analisar a unidade real dos contrários no qual se organiza esta contradição, e poder assim trabalhar sobre ela (GADET e PÊCHEUX, 2014, p.300).

Enquanto não mudam de terreno, os linguistas acabam por patinar na contradição, ignorando-a como tal, e tomando cada uma das

tendências, o logicismo e o sociologismo, para a produção das formas intermediárias como um paliativo das insuficiências das formas extremas. Nas palavras de Pêcheux (1998, p.9, grifos do autor), “o evento/advento da ciência linguística [...] não parou, desde a origem de se negar através de uma alternância de *diásporas* reais e de *reunificações* enganadoras”. É nesta conjuntura que se pode falar, segundo Gadet e Pêcheux (2014), de uma crise da linguística em meados da década 1970 na França, justamente o momento em que teorias como a sociolinguística de Labov ganham mais força na Europa. A análise da conjuntura feita pelos pesquisadores a partir deste recorte territorial pode ser expandida para o outro lado do Atlântico.

Em condições específicas, a década de 1970 no Brasil também produziu novos velhos modos de trabalhar a linguagem. Já falamos, por exemplo, na análise da denominação do português contemporâneo, como os autores Celso Cunha e Lindley Cintra da “Nova Gramática do Português Contemporâneo” formulam uma unidade do português pela sobredeterminação da diferença real *das línguas* por uma imagem fantasmagórica do tempo *da língua*. No caso da história dos dicionários, Nunes (2008) explicita como a projeção de unidade da língua praticada no Brasil de maneira ampla só se realiza no século XX, quando se começa a discursivizar as diferenças sociais como diversidade entre elite, cultura popular, classe média urbana dentro de práticas internas e próprias ao Brasil e não complementares de uma colônia portuguesa. Como explica Nunes (2008, p.359), “a alteridade não se mantém mais separada, ela se mostra no interior mesmo dos dicionários gerais ou na divisão entre tipos de dicionários: o erudito, o popular, o escolar, etc.”. Se até a década de 1930, com Laudelino Freire, por exemplo, a linguagem popular não fica marcada na autoria brasileira de um dicionário, até meados de 1960 o cenário muda: a língua do povo, reduzida e concisa em relação às diferenças reais, afeta cada vez mais a produção dos verbetes, seja por uma instrumentalização específica (dicionário popular) ou por suas textualizações nos domínios lexicográficos (em exemplificações e marcações como “origem popular”, “jargão” e “gíria” mantidas ainda hoje). Também destaco a institucionalização dos programas de pós-graduação em Linguística a partir da década de 1960, com as publicações e eventos nacionais como instrumentos particulares deste

processo, onde se publicava e debatia justamente as diferentes correntes e teorias sobre a linguagem no diálogo atlântico¹⁹, com destaque para a França descrita por Gadet e Pêcheux (2014).

É também na década de 1970 que a chamada cibernética e a teoria da informação ganham espaços institucionais novos e transformam de modo incisivo a produção do conhecimento com a informatização generalizada na década de 1980. Em texto desta época, Pêcheux afirma que em nome de uma interdisciplinaridade em torno dos projetos em inteligência artificial

um novo sistema de alianças está²⁰ formando-se, no qual uma certa concepção da Linguística é convidada a tomar o seu lugar, com a única condição de aceitar a tratar o simbólico como sinal e a linguagem como um instrumento lógico (PÊCHEUX, 1998, p.20).

A crise político-científica é sinal dos rearranjos que o saber linguístico teria de lidar a partir da entrada em massa do saber informático²¹ e a criação de disciplinas como a Linguística de Corpus e a Linguística Computacional com as traduções automáticas como um dos alvos. Martins (2012), tendo como horizonte a hipótese de Auroux (1998) sobre a terceira revolução tecnolinguística, mostra a passagem dos anos 1990 para os anos 2000 e a construção de memórias de tradução e conhecimento do mundo pela digitalização de um conjunto extenso de documentos e seus respectivos estudos morfológicos, sintáticos e semânticos nos programas de tradução automática, com grande demanda de recursos e numerosas equipes de linguistas, enquanto empresas como o Google conseguem resultados melhores sem o mesmo investimento financeiro e científico. Para Martins,

desde a segunda metade nos anos 2000, os sistemas baseados em regras começaram a ser substituídos por sistemas de base estatística, que se revelaram capazes de produzir resultados melhores e menos dispendiosos, em muito menos tempo (MARTINS, 2012, p.145).

A abordagem estatística, segundo o pesquisador, também é dominante na área de Linguística Computacional atual, que propõe, ela mesma, cada vez menos bases nos estudos linguísticos. Quanto às traduções automáticas, reservadas as singularidades de métodos e conhecimentos explícitos envolvidos, os resultados em empresas como o Google e áreas da Linguística Computacional têm se mostrado semelhantes algumas vezes ou surpreendentemente mais eficazes fora do âmbito acadêmico.

Esta tensão histórica iniciada nos anos 1970 entre o saber linguístico e saber informático, tendências de uma contradição, toma também, por sua vez, formas variadas/intermediárias. Uma delas são os enunciados do Twitter no dicionário da *Priberam Informática S.A.*, uma empresa que se enuncia “especialista na concepção e desenvolvimento de software e conteúdos digitais, disponibilizando produtos e serviços em quatro áreas distintas: processamento computacional da língua, sistemas de gestão de conhecimento jurídico, motores de pesquisa semânticos e saúde”. As brechas possíveis para a contextualização do dicionário por enunciados do Twitter vão se desenhando no decorrer dos últimos 40 anos pela: 1) produção de um saber sobre a linguagem que constrói um arquivo social trabalhado em uma relação lógico-formal-matematizada e retirado de suas condições históricas, isto é, textos lidos apenas como dados formais para uma pesquisa ou construção de uma gramática/um dicionário; 2) e também pela produção de um saber informático que constrói um arquivo lógico-formal-matematizado como se fosse o social em sua complexidade, isto é, dados numéricos e dígitos lidos como formulações do próprio sujeito (de linguagem). Efeitos de evidência da empiria.

Os problemas colocados pela matematização, no sentido de Aurox (2012, p.17), isto é, a “ação de utilizar instrumentos fornecidos pela disciplina matemática nas representações de seus objetos por outras disciplinas”, do conhecimento linguístico é a redução do social e suas diferenças a uma rede de dados e da língua como instrumento de informação/comunicação, de certo modo já previsto por Pêcheux (1998, p.22): “uma integração da Linguística social com uma Linguística do cérebro, resultando em uma teoria bio-social de funções de comunicação”, ou quando Pêcheux (2010 [1982], p.57-58) em outro texto trata justamente da divisão do trabalho da

leitura “no espaço lógico-matemático onde [...] a materialidade da língua é denegada, através da metalinguagem universal [...] um meio transparente, ou (na pior) a vidraça empoeirada através da qual se incita a espreitar ‘as próprias coisas’”. Efeitos do político na divisão de saberes e línguas na construção de arquivos e modos de sua formulação. Efeitos que ressoam na história, efeitos do interdiscurso – complexo das formações discursivas com dominante (PÊCHEUX, 2009).

Compor verbetes é formular o possível pelo efeito de regiões do interdiscurso, portanto, é formular entre relações dissimétricas de desigualdade, de resistência, de dominação a partir de uma posição determinada em uma conjuntura dada pela história de sentidos do que pode e deve ser um verbete em um dicionário. Um dispositivo de construção de arquivos é um recorte de uma região de saberes. A ferramenta lexicográfica digital do Twitter em *Priberam* é um dispositivo que apresenta a possibilidade da irrupção da língua fluída, um saber alhures no dicionário. No entanto, ainda que esse saber alhures interrompa uma discursividade, ele está em uma relação dissimétrica com a história do saber lexicográfico da língua imaginária. Alerta Auroux:

O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber (AUROUX, 2012, p.11-12).

Uma memória sempre regionalizada na formulação, ou, na assertiva de Lagazzi (2009), um *recorte significativa da memória*.

A formulação visual pela espacialização é uma das materializações do discurso lexicográfico determinado por estas tensões históricas no movimento de esquematização dos verbetes ao compor de um modo específico e não de outro, delimitando quais são os domínios de um dicionário digital, organizando-os e idealizando-os. Definições e divisão silábica estão visíveis na tela assim que entramos com uma palavra-entrada. A visibilidade dos enunciados do Twitter é permitida apenas pelo click do usuário-leitor do dicionário desde 2012,

dependência que se mantém com as mudanças de 2014. O lugar último destes enunciados é assegurado pela autoria da imbricação linguístico-visual dos domínios do verbete. A noção de composição de Lagazzi (2009; 2011) me permite pensar esta imbricação pela contradição, pela tensão entre saberes na divisão política e legitimação do que pertence ou não ao português contemporâneo. A discursividade dominante é a lexicográfica e não o alhures da língua fluída, ainda que r-existente.

O exercício de análise proposto neste trabalho não objetivou dar conta dos processos complexos de divisão da língua envolvidos no espaço de enunciação evocado em *Priberam*, mas apresentar um panorama do dicionário em suas práticas políticas de *visualizar, ler e compreender* uma língua. Recortes intradiscursivos no limiar do linguístico e do visual para a compreensão do movimento contraditório do discurso entre saberes e práticas. O dicionário é cercado por um imaginário de certitude e de acumulação e, por isto, é um material propício para analisar os traços significativos de uma época quando não isolado de sua conjuntura. De acordo com Auroux (2009), o saber linguístico é construído por uma conjunção de características em formas difusas e algumas vezes sem encaixe imediato, inscrevendo o devir de uma mudança por um novo rearranjo. “Mesmo que todas as suas relações tivessem sido desorganizadas e que essa desorganização afetasse intrinsecamente algumas entre elas, outras ainda subsistiriam”, como indica Auroux (2009, p.62). Pode-se dizer que os quadros analíticos tateados aqui indicam um rearranjo entre o global, o nacional e o local também nas formas da língua, tanto pelos deslizes imprevistos da técnica informatizada quanto por um saber linguístico em suas definições de uma língua significada como transnacional.

Referências bibliográficas

- ADORNO DE OLIVEIRA, Guilherme. (2015). *Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- ADORNO, Guilherme. (2017). “Sujeito, autoria e as materialidades significantes”. In: ADORNO, Guilherme; JESUS, Fabiane Texeira de. *Análise de Discurso*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., p.83-122.

- ALTHUSSER, Louis. (1980). “O objeto do capital”. In: ALTHUSSER, Louis et al. *Ler O Capital*. Rio de Janeiro: Zahar.
- AUROUX, Sylvain. (2009). *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2 ed.
- _____. (1998). *A filosofia da linguagem*. Campinas: Unicamp.
- _____. (2012). *Matematização da lingüística e natureza da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BADIOU, Alain. (1976). *Théorie de la contradiction*. Paris: François Maspero.
- DIAS, Cristiane. (2008). “Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade”. *Coleção Cogitare*. Santa Maria: UFSM/PPGL.
- _____. (2012). *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)*. São Paulo: Hucitec.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel (2010). *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Campinas: RG, 2 ed.
- _____. (2014). “Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo?” In: ORLANDI, Eni (org.). *Análise de discurso: textos de Michel Pêcheux escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. 4 ed. Pontes: Campinas.
- GUIMARÃES, Eduardo. (2004). *História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas: Pontes.
- _____. (2005). *Multilingüismo, divisões da língua e ensino no Brasil*. Brasília/Campinas: MEC/CEFIEL-IEL.
- GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli. (1996). “Identidade Lingüística”. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli (Orgs.). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes. p.9-15.
- _____. (2001). “Formação de um espaço de produção lingüística: a gramática no Brasil”. In: Orlandi, Eni P (Org.). *História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat Editora, p.21-38.
- LAGAZZI, Suzy. (2009). “O recorte significante da memória”. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (orgs.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz.

- _____. (2010). “O confronto político urbano administrado na instância jurídica”. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso*. Campinas: Editora RG, p.75-83.
- _____. (2011). “O recorte e o entremeio condições para a materialidade significativa”. In: BRANCO et al (Org.). *Análise de Discurso no Brasil: Pensando o impensado sempre, uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas, Editora RG.
- _____. (2014). “Um lugar à margem, quase invisível”. In: *Rua*, v.Especial, p.155-166. Campinas: Labeurb/Unicamp.
- LEITE, Nina Virgínia de Araújo (org.). *Corpolinguagem: gestos e afetos*. Campinas: Mercado de Letras, 2003
- HENRY, Paul. (1992). *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.
- MARTINS, Ronaldo. (2012). “O irreal da língua”. In: FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes; MARTINS, Ronaldo Teixeira (Orgs.). *Linguagem e tecnologia*. Campinas, RG, p.129-158.
- NUNES, José Horta. (2006). *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes.
- _____. (2007). “Um espaço ético para pensar os instrumentos lingüísticos: o caso do dicionário”. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Política Lingüística no Brasil*. Campinas: Pontes.
- _____. (2008). “Dicionário, sociedade e língua nacional: o surgimento dos dicionários monolíngues no Brasil”. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p.353-374.
- NUNES, Silvia Regina (2012). *A geometrização do dizer no discurso infográfico*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- PÊCHEUX, Michel (1998). “Sobre a (des-)construção das teorias lingüísticas”. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, Campinas: Pontes, n.2, p.7-32.
- _____. (2009). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (2010). “Ler o arquivo hoje”. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Ed. da UNICAMP.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (2002). *Língua e conhecimento lingüístico: para uma História das Idéias Lingüísticas*. São Paulo: Cortez.

_____. (Org.). (2001). *História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat Editora.

_____. (2008). *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2. ed.

_____. (2009). *Língua Brasileira e outras histórias: discursos sobre a língua e o ensino no Brasil*. Campinas: RG.

ORTIZ, Renato. (1996). *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho D'água.

_____. (2006). *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense.

SCHMITT, Michele. (2006). *Da incompletude da linguagem na materialidade metálica*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria.

ZOPPI FONTANA, Mónica Graciela. (2009). "O português do Brasil como língua transnacional". In: ZOPPI FONTANA, Mónica Graciela (Org.). *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: RG, p.11-41.

Palavras-chave: composição material, contradição, revolução tecnolinguística.

Keywords: material composition, contradiction, technolinguistic revolution.

Notas

* Pós-doutorando em Ciências da Linguagem na Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS). Bolsista PNPd pela Capes.

¹ Essa pesquisa é resultado da minha qualificação de doutorado na área de História das Ideias Lingüísticas, sob orientação de Cláudia Castellanos Pfeiffer. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2012 e 2014 com uma pequena atualização para essa publicação.

¹ Sabe-se desde o trabalho fundador de Pêcheux que o discurso é materialmente lingüístico e histórico. Os procedimentos analíticos de descrição do intradiscurso baseiam-se no funcionamento lingüístico em sua relação com as condições de produção.

² Cf. Orlandi (2002).

³ Faço remissão aqui ao “estranhamente familiar” que Pêcheux (1975) resgata da formulação freudiana para dizer dos efeitos do interdiscurso no sujeito dividido.

⁴ A imagem é apenas um recorte para mostrar a regularidade da relação palavra-entrada e corpo do verbete no dicionário Priberam. Existem outros domínios do verbete que não são visualizados nesta sequência.

⁵ Pontos que funcionam distintamente de seu valor gramatical (incluindo a espacialidade própria de um ponto em um tópico frasal).

⁶ Segundo o site Priberam (2014): “FLiP (acrônimo de ‘Ferramentas para a Língua Portuguesa’) é a marca sob a qual a Priberam disponibiliza diversos produtos e serviços na área do processamento da língua natural desde 1995”.

⁷ O site <<http://archive.org/web/web.php>> faz parte da organização **Internet Archive**. Existe um sistema de busca de arquivos da Internet, composto basicamente por cópias de páginas virtuais em circulação desde 1996 e reproduzidas tal como apareciam no momento (dia, mês e ano) em que foram arquivadas. No caso do dicionário Priberam, é possível recuperar as páginas de apresentação, mas não encontrei arquivada nenhuma página de verbetes específicos.

⁸ Auroux (1998, p.289) tem apresentado indícios do que seria uma terceira revolução tecnolinguística, “a do tratamento eletrônico da informação apresentada em linguagem natural”.

⁹ Tendo como objeto de análise as ferramentas de buscas no Google, Michele Schmitt (2006) apresenta na sua dissertação de mestrado “Da incompletude da linguagem na materialidade metálica” as nuances e detalhes do que está em jogo no encontro de sujeitos de linguagem com a memória e a materialidade metálica.

¹⁰ Renato Ortiz é um sociólogo brasileiro. Apesar de diferenças teórico-epistemológicas, considero relevantes seus estudos para problematizar o momento atual do Capitalismo.

¹¹ Para Lagazzi (2014), o exercício parafrástico no procedimento analítico da descrição permite ao analista compreender de que modo operam os deslocamentos nas passagens entre as diferentes formulações.

¹² Sobre a definição de objeto real e objeto de conhecimento, conferir Althusser (1980) na obra coletiva “Ler o Capital”, volume I. Paul Henry (1992) desenvolve no prólogo do seu livro “A ferramenta imperfeita” o caráter desta contradição na inauguração da Linguística pelo corte saussuriano a partir da articulação do eterno retorno de três elementos, sempre em discussão e motivos de disputa nas correntes acadêmicas: o sentido, o sujeito e a materialidade da língua.

¹³ Corpografia é um conceito desenvolvido por Dias (2008) para um conjunto de análises de materiais nativos da web em que a questão do laço dos sujeitos de linguagem com o digital se materializa na densidade histórica da escrita nesta forma-material.

¹⁴ Depois da primeira “Jornada Corpo e linguagem”, realizado em 2000 e organizado pelo grupo de Psicanálise *Oustrarte* do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp sob a coordenação de Nina Virgínia de Araújo Leite, sentiu-se a necessidade de mudar o nome do evento, a partir de sua segunda edição, para “Jornada Corpolingüagem” para designar isto que é próprio do sujeito, um aparelho que é

psíquico, nos limites do somático, e é também um aparelho de linguagem, sem distinções estanques no seu funcionamento. O conjunto de referências das publicações resultantes do evento pode ser encontrado no site do Outrarte: <http://www.iel.unicamp.br/projetos/outrarte/site/>. As especificidades do alcance do “corpolingüagem” em abordagens da Psicanálise, na relação com a Linguística, Literatura, Artes e Filosofia fogem disto que eu proponho como provocação e questionamento em Priberam.

¹⁵ Ao clicar “Ver no Twitter” de 30 enunciados aleatoriamente, os perfis explicitavam sua localização física em Portugal.

¹⁶ IP é a sigla em inglês de Internet Protocol (Protocolo de Internet) usada para a identificação do dispositivo (computador, notebook, impressora, tablet, etc.) ativado em uma rede privada ou pública.

¹⁷ Althusser (1980), Pêcheux (2009) e Lagazzi (2011) chamam a atenção para a diferença da concepção idealista (em Hegel) e materialista (em Marx) da contradição. A impossibilidade da síntese é justamente a impossibilidade de se construir um lugar de equilíbrio ou colagem de partes dos elementos em contradição. Isto não significa, porém, a impossibilidade de momentos de intersecção ou coincidências de processos. São nos movimentos da História que os processos se configuram.

¹⁸ O *movimento de esquematização* é um conceito-chave desenvolvido por Silvia Regina Nunes em sua tese de doutorado em Análise de Discurso, intitulada “A geometrização do dizer no discurso infográfico” (2012), para explicar o funcionamento discursivo dos procedimentos específicos de leituras demandados pelos infográficos impressos e digitais. Apesar da particularidade do conceito, acredito que ele tem um valor de explicação para diferentes materiais que também produzem efeitos semelhantes aos descritos pela pesquisadora, como o efeito de relevância na formulação visual de uma espacialidade (ou geometrização, nos termos de Nunes) do dizer.

¹⁹ Tradução livre para “dialogue atlantique” cunhado por Eni Orlandi e Eduardo Guimarães no título de um livro publicado na França sobre trabalhos brasileiros em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas em profícua interlocução com a França.

²⁰ Durante minhas consultas ao arquivo “Michel Pêcheux” no IMEC, em Caen/França, li alguns dos textos (recortes de jornal, entrevistas, manifestos, atas de reuniões e versões de um artigo sobre a especificidade do simbólico) contidos no dossiê “Politique scientifique du CNRS en psychologie. Syndicalisme. PCF”, onde há inúmeras referências à crise do início dos anos de 1980 na França, especialmente às modificações propostas nas linhas de pesquisa do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), principal organismo público francês de promoção da ciência, desde a Linguística até a Psicologia Social, área institucional do Laboratório onde Pêcheux e sua equipe trabalhavam. A crise ameaçava constantemente a legitimidade institucional da Análise de Discurso, conseqüentemente a existência de vagas de trabalho e financiamento das pesquisas, comprometia de modo mais geral a relação da Linguística com a História e a Psicanálise pela dominação das teorias da informação e da cibernética.

²¹ Utilizo a terminologia “saber informático” para englobar, correndo os riscos de reducionismos, de conhecimentos produzidos para o que se tem denominado como eletrônico, informática, tecnologias da informação e comunicação digital. Não pretendo com isso remeter a um mesmo referente, mas aos saberes que emergem em uma conjuntura política, científica e ideológica específica, do qual seus efeitos discursivos demandam análises que ultrapassam o escopo desta pesquisa.